

O BRASIL DOS CIENTISTAS SOCIAIS NÃO BRASILEIROS: ENSAIO METODOLÓGICO*

Maria Isaura Pereira de Queiroz**

Os trabalhos efetuados no Brasil por cientistas sociais estrangeiros¹ são em geral analisados em seu conteúdo teórico e empírico, nas premissas e nas conclusões a que chegam, sem atentar, porém, para outros aspectos como as orientações então vigentes no exterior nessas áreas do conhecimento, ou a formação específica dos pesquisadores que os realizaram. Parte-se implicitamente do princípio de que o Brasil, tendo entrado tarde para o conjunto das nações de civilização ocidental, entre as quais floresceram as ciências, se vira impedido de desenvolver proposições cientificamente válidas, a não ser quando ensinadas por mestres vindos do exterior; dessa forma, antes da organização do ensino sistemático na área do conhecimento definido como das ciências humanas e sociais, nenhuma contribuição nacional teria sido efetivamente válida². Os cientistas estrangeiros, isso sim, haviam trazido consigo conhecimentos de valor e práticas inovadoras, que transmitiam aos nacionais, capacitando-os a analisar os dados do real para diagnosticar com mais acerto processos sociais em curso e, talvez, aventar alguma solução possível a problemas intrincados. O aparecimento e o desenvolvimento das Ciências sociais no Brasil teria estado, assim, inteiramente ligado à vinda de cientistas e professores estrangeiros, não se levando em consideração o que havia sido feito anteriormente pelos nacionais.

Pretende-se neste ensaio levantar algumas questões a respeito de professores estrangeiros que aqui estiveram largo tempo, lecionando e pesquisando, tendo produzido obras de relevo para o conhecimento do país. Ao serem fundadas as universidades brasileiras, recorreu-se a mestres formados no exterior para cobrir lacunas existentes na formação científica nacional. As Ciências sociais constituíram uma área de conhecimento cujo apelo a eles foi patente. Aqueles a que se faz referência no atual trabalho aqui permaneceram por muito tempo, tendo convivido não só com os "homens de letras" nacionais, como também com naturais da terra os mais diversos, partilhando de seu cotidiano³. Acredita-se, assim, que tiveram tempo suficiente para tomar

* Apresentado no GT: Sociologia da Cultura Brasileira, XIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu - 23 a 27 de outubro de 1989.

** Professora Emérita da Universidade de São Paulo. Fundadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU.

¹ Neste trabalho, o termo ciências sociais tem sentido amplo, incluindo também Geografia Humana e História, além de Sociologia, Antropologia Social e Ciência Política.

² O atual ensaio completa outro, que constituiu conferência de abertura do 46º Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Amsterdã, em julho de 1988, e que já se encontra publicado. Ver Pereira de Queiroz (1989, p. 378-88).

³ Os professores analisados fizeram parte da Missão Francesa que trouxe sua contribuição às universidades nacionais nos primórdios destas. Serão feitas referências específicas a Pierre Monbeig, de Geografia Humana, que lecionou na USP de 1935 a 1946; a Jacques Lambert, formado em Direito, que lecionou Demografia e Sociologia Política na Universidade do Rio Grande do Sul, em 1937 e 1938, em seguida na Universidade do Brasil (Rio de

conhecimento do que existia no país nas matérias que os interessavam, adquirindo um saber sobre os problemas nacionais que não provinha somente de leituras e, sim, e talvez mais, das experiências do dia a dia. Integrados na vida nacional, teriam podido captar melhor suas vantagens e suas deficiências⁴.

É certo que necessita o cientista social de sensibilidade e argúcia fora do comum para suprir o que lhe falta em experiência real; uma curta permanência em determinada coletividade não lhe permite em geral captar seus aspectos mais sutis, que podem ser justamente os primordiais⁵. Além disso, a curta permanência não o leva a se aprofundar na leitura do trabalho dos nacionais, muitas vezes nem mesmo realizando um levantamento mais ou menos completo, não podendo tomar conhecimento do que realmente existe e nem mesmo efetuar um trabalho crítico a seu respeito. As obras desses pesquisadores, quando examinadas, fornecem em geral uma visão deturpada das ciências sociais no país, uma vez que ou não se apoiam em nenhum trabalho nacional, ou em tão poucos que veicularão implicitamente a idéia de que ali nada ou quase nada havia sido produzido. Há também aqueles que, por definição, consideram que, em países como os da América Latina, nada se apresentou de válido antes da instalação de um ensino sistemático das ciências sociais, isto é, antes que uma grande influência da Europa e dos E.U.A. trouxesse fortes alicerces para os estudos do real.

A delimitação do período estudado obedece justamente ao critério da formação; considera-se habitualmente que as ciências sociais só se iniciaram de maneira real no Brasil a partir da fundação dos cursos respectivos nas universidades nacionais, a mais antiga das quais, a Universidade de São Paulo, foi fundada em 1934. Anteriormente a essa data, os trabalhos eram em geral fruto de uma atividade de autodidatas, formados em disciplinas as mais variadas – direito, medicina, engenharia etc. – que por um motivo ou outro haviam se sensibilizado com os problemas que estavam vivenciando; o melhor exemplo, nesse caso, teria sido o de Euclides da Cunha. Alguns pesquisadores haviam recebido seus diplomas no exterior, o que sucedera com Gilberto Freyre; porém sua produção apenas se iniciava no momento em que os mestres estrangeiros haviam aportado ao país e os demais autores no mesmo caso por outro lado constituíam número muito reduzido.

Janeiro), de 1939 a 1944, permanecendo como *expert* da UNESCO junto ao Centro Brasileiro de Pesquisas Pedagógicas (MEC), em 1958; a Roger Bastide, que ensinou Sociologia na USP de 1937 a 1954.

⁴ Neste ensaio, não se pretende senão abrir novas vias de investigação a respeito dos julgamentos de pesquisadores estrangeiros diante da realidade nacional; é certo que na época escolhida outros houve que mereceriam menção, como Emílio Willems, que estudou a colonização alemã no sul do país, tendo lecionado na USP de 1937 a 1955; Herbert Baldus, professor na Escola de Sociologia e Política de São Paulo a partir de 1939, e diretor da Seção de Etnologia do Museu Paulista a partir de 1946 até a sua morte; Paul Arbousse-Bastide, que ocupou a cátedra de Ciência Política durante muitos anos e permaneceu sempre muito ligado ao Brasil.

⁵ Essa modificação foi mostrada pelos professores Azis Simão, Eduardo d'Oliveira França e José Ribeiro de Araújo Filho, em relatório apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: “em vez dos professores regentes, contratam-se professores visitantes que passam a vir apenas por alguns meses” (SIMÃO et al., 1987).

Uma vez fundadas as universidades, a colaboração de pesquisadores estrangeiros se ampliou pelo tempo afora; porém sua permanência no país não foi tão longa quanto tinha sido a dos que aqui vieram na década de 30; a Segunda Guerra Mundial obrigara estes a permanecerem no país, já que a navegação entre o Brasil e a Europa estava seriamente comprometida e sem dúvida essa circunstância foi determinante para o longo tempo que aqui passaram. Os cientistas sociais que vieram a partir da década de 50 não se detiveram longamente e dificilmente poderiam revelar as influências que se pretende detectar neste ensaio. Seria da maior utilidade realizar entre eles um levantamento das leituras que efetuaram de trabalhos nacionais, que mostrasse em que se haviam apoiado para ter um conhecimento prévio do problema que pretendiam estudar – conhecimento que suas análises, a partir de novas coletas de dados, poderiam ou não invalidar. É possível supor que poucos se valeram de tais conhecimentos prévios e, portanto, seus trabalhos devem ser cuidadosamente analisados de um ponto de vista crítico, para verificar até que ponto não foram vítimas de preconceitos e postulados inspirados em obras de seus países de origem, fossem elas teóricas ou de base empírica. Além disso, sua influência formadora no Brasil não foi mais tão vigorosa quanto a dos primeiros, embora operassem geralmente como fatores de atualização dos conhecimentos dos cientistas nacionais. A falta de contato mais prolongado com os estudantes impediu que estimulasse estes como havia acontecido com seus antecessores, e também não facilitou a realização de pesquisas amplas no Brasil.

Os três exemplos que se decidiu examinar neste trabalho, que foram muito atuantes e pertenceram à Missões Francesas, tiveram formação totalmente diferente num momento em que as Ciências sociais, em sentido lato, ampliavam sua penetração na universidade matriz de todas as outras na França, a Sorbonne. Com efeito, quanto às ciências sociais, no início do século XX foram admitidos na Sorbonne os primeiros geógrafos para um ensaio sistemático. Os historiadores já ali estavam instalados havia tempo e a sociologia, com Durkheim, conseguira se introduzir nela em fins do século XIX, porém somente na década de 50 do século XX alcançou se desligar da filosofia e da moral para constituir um diploma específico. Quando os jovens professores da Missão Francesa ali seguiam seus cursos (serão mais especialmente referidos neste trabalho Pierre Monbeig, Jacques Lambert e Roger Bastide, devido à sua longa permanência) pode-se dizer que as ciências sociais estavam na França em pleno florescimento. Na Geografia, Emmanuel de Martonne (1873-1955) e Albert Demangeon (1872-1940) renovavam seu ensino. Na Sociologia, na Etnologia, os cursos de Marcel Mauss (1872-1950), os trabalhos de Maurice Halbwachs (1877-1945), os estudos de Lucien Lévi-Bruhl (1857-1939), as pesquisas de Maurice Lévy (1879-1954) abriam novas perspectivas. Os jovens da década de 20 do século passado estavam mergulhados numa atmosfera de efervescência que era das mais estimulantes.

A renovação da Geografia Humana, que então se observava, englobava duas vertentes diversas: absorvia, por um lado, alguns ensinamentos do geógrafo alemão Frédéric Ratzel (1844-1904), que mostrava a importância da situação, do espaço e da fronteira como definidores das coletividades: pois a situação em regiões interiores ou à beira-mar, a extensão do espaço ocupado, as fronteiras (concebidas como uma zona territorial flexível que se ampliava ou retraía conforme o dinamismo da população) exerciam influências nas características e comportamentos das populações. Na França, Jean Brunhes (1869-1930), primeiramente, e, em seguida, Albert Demangeon, reconhecendo embora o valor da contribuição de Ratzel, chamavam a atenção para o rígido determinismo geográfico de que estava plena, a tal ponto que sua antropogeografia se esquecia do homem... A influência de Paul Vidal de La Blanche (1845-1918), que era ao mesmo tempo historiador e geógrafo, agiu fortemente sobre seus continuadores – entre os quais o próprio Demangeon – mostrando-lhes a grande importância da História no estudo das coletividades. A nova geração de geógrafos fica, assim, marcada pelo reconhecimento de que fatores de toda a ordem interferem na organização das coletividades; o espaço, a região, o solo oferecem possibilidades, mas são os homens, modelados pelas circunstâncias históricas, portadores de crenças e de valores, que se orientam para esta ou aquela dentre elas⁶.

Não foi sem razão que Pierre Monbeig, na introdução de sua obra mestra, *Pionniers et planteurs de São Paulo*, atribui as maiores contribuições na realização do trabalho a Albert Demangeon, grande geógrafo humano, e, no mesmo nível, a Henri Hauser (1866-1946), professor de História Moderna na Sorbonne, autor de várias obras de história econômica⁷; toda a construção de sua pesquisa mostra a confluência da Geografia Humana, da História, da Sociologia, esclarecendo o desenvolvimento e a evolução da cafeicultura em São Paulo pela análise dos homens e de suas atividades. Aliás, esse caráter não é privilégio de sua grande tese já mencionada e defendida na Sorbonne; suas pesquisas e trabalhos encontram-se todos profundamente embebidos de história e de sociologia: o passar do tempo e as modificações que vão ocorrendo na estrutura de uma coletividade constituem ao mesmo tempo fatores e conseqüências da implantação geográfica⁸.

Embora Roger Bastide e Jacques Lambert se dedicassem à pesquisa de Sociologia, a formação de ambos foi muito diversa. Jacques Lambert diplomou-se na Faculdade de Direito de

⁶ Toda a geração de geógrafos em que se inclui Pierre Monbeig ficou profundamente marcada por essas orientações. Salientam-se Maximilien Sorre (1880-1962), André Cholley (1886-1968) e Pierre George (1907), colega e grande amigo de Pierre Monbeig. Em suas obras, o suporte geográfico serve de linha de base e de linha de orientação, e se entrecruza com outros fatores (históricos, demográficos, econômicos, sociológicos etc.), agindo com mais força ora uns, ora outros, conforme as circunstâncias do momento.

⁷ Henri Hauser distinguiu-se por vários estudos sobre a história espanhola, sobre história econômica e efetuou também um estudo crítico sobre a historiografia brasileira (HAUSER, 1937).

⁸ Essas influências foram analisadas recentemente, mostrando a importância de sua contribuição para a compreensão dos ritmos sociais da cidade de São Paulo (PEREIRA DE QUEIROZ, 1988).

Lyon, onde mais tarde lecionou; seus trabalhos versaram em geral sobre história do direito, sociologia política e demografia. Roger Bastide licenciou-se em Letras na Faculdade de Letras de Bordeaux, preparando em seguida o exame de "agrégation" em filosofia na Sorbonne para poder lecionar; desde cedo mostrou-se interessado pelos problemas de sociologia da religião, psicologia social, psicanálise. Duas formações muito diversas, portanto, que não podiam deixar de se refletir na obra de ambos. Convém lembrar que, quando terminaram os estudos, não existia ainda na França um diploma de sociologia ou de Ciências sociais; essas disciplinas se encontravam entranhadas noutros conjuntos - a Filosofia, o direito - e, portanto, não havia formação sistemática de pesquisadores nesse ramo.

No momento em que Roger Bastide e Jacques Lambert se orientaram para a Sociologia, esta se encontrava cindida em dois rumos: um que de certo modo continuava o antigo evolucionismo, florescente no século anterior, mas que se apoiava também em premissas de Durkheim (1858-1917); o outro, que também partia de pressupostos durkheimianos, abria-se para outras disciplinas, como a geografia humana, a psicologia social, com um leque muito mais amplo de problemas e de interpretações. Nos anos de 1920, Lucien Lévy-Brühl (1857-1939) constituía o melhor exemplo do primeiro⁹, enquanto Maurice Halbwachs (1877-1945) se inclui no segundo¹⁰. A essa diferenciação teórica juntava-se outra, a diversidade nas maneiras de proceder às investigações. Havia os grandes eruditos que, em seu gabinete, se serviam de dados coletados por toda a sorte de informantes e neles fundamentavam suas reflexões, depois de passá-los por rigorosa crítica comparativa; Marcel Mauss (1872-1950), sem dúvida a figura de maior peso em todo o período, estava entre eles¹¹. Outros cientistas, sem desdenhar os documentos, partiam para a observação direta, para a observação participante e até mesmo para a pesquisa ativa; Maurice Leenhardt (1878-1954) destaca-se, pois lançou mão de todas essas técnicas durante sua longa permanência entre as tribos da Nova Caledônia¹². Note-se que esse

⁹ Lucien Lévy-Brühl (1857-1939), professor da Sorbonne a partir de 1908, ensinava História da Filosofia. Distinguiu-se por seus estudos sobre a mentalidade primitiva, definindo o estágio pré-lógico em que esta se encontraria, afirmando sua radical diferença em relação à mentalidade dos civilizados; fundamentalmente mística, opunha-se à racionalidade desta última.

¹⁰ Maurice Halbwachs (1877-1945) distinguiu-se pela gama de pesquisas que efetuou, da utilização de abordagem estatística e de coleta de dados econômicos ("La classe ouvrière et les niveaux de vie", por exemplo) até os ensaios sobre a memória coletiva, que abriram novos campos à pesquisa sociológica e psico-social. Professor da Sorbonne, acabava de ser nomeado para o Collège de France quando foi aprisionado pelos ocupantes nazistas e morreu em deportação.

¹¹ Marcel Mauss (1872-1950), sobrinho e discípulo de Durkheim, foi sem dúvida em Sociologia a maior figura francesa até os anos 50 do século passado. Seus cursos tiveram lugar sempre na École des Hautes Études, onde era professor titular de História das Religiões dos Povos Não-Civilizados; em 1930 foi nomeado professor no Collège de France. Definiu o fato social como total, isto é, encerrando todas as características de uma coletividade, de tal forma que, por meio de um deles, era possível descrever a vida e as estruturas apresentadas pela mesma. Como Lucien Lévy-Brühl, foi um estudioso de gabinete.

¹² Maurice Leenhardt (1878-1954), pastor protestante e antropólogo, partiu como missionário para a Nova Caledônia em 1902 e ali permaneceu por largos anos, até 1927; diretor do Institut Français de l'Océanie, mais tarde professor na École des Hautes Études, permaneceu sempre ligado à Nova Caledônia e aos nativos. Conhecendo suas coletividades em estado de quase anomia, ao chegar, dedicou-se com empenho à sua recuperação cultural e social,

brilhante conjunto de intelectuais, e inúmeros outros de sua geração (assim como da geração seguinte, que forneceu os docentes para as universidades brasileiras recém-fundadas) não se haviam formado seguindo conjuntos de cursos específicos e sistemáticos de ciências sociais. Haviam recebido ensinamentos em cursos esparsos, inseridos em programas mais amplos, ligados em geral à filosofia; nada tinham de especialistas, aproximavam-se antes dos autodidatas.

A obra de Durkheim fora fundamental para todos eles estabelecendo princípios que os orientavam na concepção dos problemas da sociologia e na construção de seus objetos de estudo. Eram concordes em que explicações e interpretações deveriam ser específicas da Sociologia e, portanto, independentes das estabelecidas por ciências afins, como a geografia humana, a história, a psicologia social, a biologia etc. No entanto, embora devesse a sociologia estabelecer suas próprias regras de trabalho e constituir seu próprio acervo técnico, a colaboração com outras disciplinas, no nível da coleta de dados e das análises, era desejável, desde que elas, no nível da explicação e da interpretação, se mantivessem subordinadas à primeira. Também admitiam que cada fenômeno social estudado se inseria numa coletividade mais ampla e, para analisar, era indispensável proceder à fragmentação do real e assim delinear o objeto em estudo. Mas, para a compreensãourgia que se recompusesse uma totalidade, com a qual era comparado o fragmento estudado. Como se vê, o tecido teórico em que se apoiavam os jovens cientistas sociais que aqui chegaram estava fortemente impregnado das idéias de seus predecessores, o que os unia, apesar da diversidade de suas formações.

Nada se costuma dizer das ciências sociais no Brasil, no momento em que aqui aportaram os docentes das Missões Francesas, o que dá a entender que vinham encontrar um campo completamente virgem para modelarem segundo o que haviam aprendido. É verdade que nem todas as disciplinas que formam as ciências sociais estavam igualmente desenvolvidas; no entanto, vários de seus ramos haviam começado a tomar corpo desde fins do século XIX; Sylvio Romero, Raymundo Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e vários outros se haviam voltado para problemas despertados pelos desequilíbrios sócio-culturais resultantes da composição étnica tão diversificada do país. A integração dos africanos a uma sociedade que se queria branca e de civilização ocidental, a descoberta da expansão de cultos sincréticos afro-brasileiros, a constatação de uma grande diferença cultural entre as populações progressistas do litoral e os

entrando por isso em conflito com as autoridades francesas locais. Tão importante foi sua ação de restauração tribal que hoje é considerado pelos nativos como um dos patronos de sua luta pela independência. Muito antes de se discutir a importância da lingüística como uma das portas de entrada para o conhecimento das mentalidades, utilizou-a para compreender o raciocínio e a lógica imanente ao pensamento canaca; muito antes de se discutir a importância da observação participante e da pesquisa ativa, foram esses os seus instrumentos fundamentais de trabalho. Suas reflexões se encontram registradas nas várias obras que publicou e, mais ainda, na longa e belíssima correspondência que manteve com seu pai, o pastor Franz Leenhardt, infelizmente não publicada e que constitui um verdadeiro tratado de procedimentos e técnicas de pesquisa em Ciências sociais. Ver bibliografia em Pereira de Queiroz (1987).

habitantes do interior do país, que conservavam hábitos da velha sociedade colonial, enchiam de dúvidas os “homens de letras” da época. Euclides da Cunha foi o primeiro intelectual a apresentar uma teoria explicativa global para o país: a interpretação do movimento de Antonio Conselheiro sem dúvida seguia as idéias de grandes nomes da psiquiatria mundial e de historiadores ingleses da época, porém a explicação dicotômica de um Brasil em que as grandes cidades modernas do litoral, ao expandir para o interior as novidades, despertavam uma reação violenta por parte dos habitantes do interior, era inteiramente original. Euclides da Cunha mostrava-se, assim, um pioneiro das teorias do choque cultural, que trinta ou quarenta anos mais tarde seriam formuladas por antropólogos sociais americanos¹³. As idéias de Euclides da Cunha encontraram ampla receptividade por parte das camadas letradas do país, cuja realidade durante muito tempo foi encarada e explicada em termos de uma verdadeira luta entre modernidade urbana e tradição rural.

Durante as primeiras décadas do século XX, a produção nacional das ciências sociais se ampliou, sendo de destacar as contribuições de Manoel Querino, empenhado em combater o preconceito que desvalorizava seus irmãos de raça, praticamente impedindo-lhes o acesso ao bem-estar, à educação, a cargos de alguma relevância; e isso num momento em que, na Europa, os preconceitos raciais reinavam incontestes, os povos não-ocidentais constituindo o fardo do homem branco¹⁴. Manoel Bonfim, por sua vez, pela primeira vez no país, interpreta tanto a teoria racista quanto a colonização estrangeira como decorrência e justificativa do imperialismo ocidental¹⁵. Finalmente, os jovens da famosa Semana de Arte Moderna não apenas proclamavam as virtudes da mestiçagem racial e cultural, que deixava de ser o pecado original brasileiro para se tornar sua virtude fundamental, como também eram provavelmente os primeiros, nas ciências sociais, a chamar a atenção para o enriquecimento que os encontros de civilizações promoviam, ao se interpenetrarem e formarem novas combinações espontâneas e originais¹⁶. A

¹³ Ainda hoje, em muitos grupos, a oposição litoral-sertão permanece como uma imagem válida do Brasil. Embora as interpretações e até mesmo alguns dos dados apresentados por Euclides da Cunha (1866-1090) não sejam mais aceitos, Os Sertões constituem uma leitura válida para ilustrar os desequilíbrios que um desenvolvimento econômico rápido ia trazendo ao país, naquela época.

¹⁴ A definição é do escritor inglês Rudyard Kipling (1865-1936), cujas poesias e novelas (como os dois Livros da Jangal) celebram a superioridade do homem branco anglo-saxão, que leva a “civilização” aos nativos.

¹⁵ Este trecho de Manoel Bonfim (1868-1932) é significativo: “Vão os povos superiores aos países onde existem esses povos inferiores. Organizam-lhes a vida conforme as suas tradições – deles superiores – instituem-se em classes dirigentes e obrigam os inferiores a trabalhar para sustentá-los...” Ver Bonfim (s.d.) e Ortiz (1986, p. 26).

¹⁶ A adoção de determinados traços de civilização por coletividade outras que não aquelas em que foram gerados somente muito mais tarde começou a ser estudada por antropólogos americanos da chamada escola histórico-cultural, entre os quais se destacou Melville J. Herskovits (1895-1963), que em 1952 definia o conceito de aculturação: transformações que se produzem na civilização de dois ou mais grupos quando em contato direto e contínuo, e em que, após um período de desestabilização cultural e de conflitos, se segue uma nova integração, compondo uma configuração nova de elementos culturais. Roger Bastide foi um dos autores que criticou o termo, assim como o de sincretismo cultural, porque denotavam a superioridade e o etnocentrismo dos componentes da civilização ocidental. Ver Bastide (1960). Os intelectuais da Semana de Arte Moderna, principalmente Mário de Andrade (1893-1945) e Oswald de Andrade (1890-1954) eram assim precursores dos modernos estudos de

heterogeneidade era reconhecida por eles como valioso predicado; os elementos de origem diversa, ao se associarem para compor uma nova totalidade, não perdiam suas qualidades, mas se misturavam e davam lugar a uma opulência cultural que se expressava em novos e importantes valores. Toda a efervescência que as obras da década de 20 do século passado revelam trazem uma contribuição inédita às ciências sociais nacionais, que deveria ser estudada mais a fundo.

O fato é que, quando os professores estrangeiros iniciam suas aulas nas recém-fundadas universidades, toda uma bibliografia sobre os problemas sócio-culturais nacionais existia já, que não podia ser desdenhada. Junte-se ainda a ela a produção que teve lugar nos anos de 1930¹⁷, em que pelo menos três nomes se sobressaíram, pela originalidade de sua contribuição e pela repercussão que tiveram no público: Caio Prado Jr., Gilberto Freyre e Artur Ramos. Caio Prado Jr. introduziu a abordagem marxista da História do Brasil em seu primeiro livro, propondo inaugurar uma perspectiva que não fosse mais a da glorificação de representantes das classes dirigentes¹⁸. Gilberto Freyre, por sua vez, reforçava com novos dados a noção de valor da cultura mestiça e demonstrava sua relevância, assim como seu papel de união entre camadas superiores e camadas inferiores¹⁹. Artur Ramos revalorizou a cultura e a mentalidade negras, mostrando a importância de sua contribuição à civilização brasileira²⁰; foi também o primeiro a tentar uma interpretação psicanalítica da interpretação cultural no Brasil.

Assim, ao ocorrer no país a sistematização do ensino das ciências sociais, todo um rico acervo de trabalhos nessas disciplinas existia já, demonstrando sentido de rigor técnico, inauguração de novas perspectivas, realização de descobertas surgindo da própria exploração da realidade nacional, e compondo um pensamento que viera se construindo desde o século anterior, com posições e interpretações que, embora muitas vezes se opondo umas às outras, se

interpretação de civilizações, e Gilberto Freyre, desde seu primeiro trabalho, caminhou também na mesma direção.

¹⁷ De 1910 a 1940, publicações importantes se sucederam que convém não esquecer. Manoel Querino (1851-1923) efetuou vasta coleta de material que registrava a importância de contribuição africana para a cultura brasileira. José de Alcântara Machado (1875-1941), em trabalho de grande originalidade, reconstituiu, através da análise de testamentos e inventários dos séc. XVII e XVIII, a vida cotidiana dos bandeirantes. Mário de Andrade (1893-1945), com o enorme levantamento de dados que efetuou durante sua vida, não apenas recolheu elementos fundamentais para a memória da arte popular, no Brasil, como também inaugurou, em suas pesquisas, técnicas até então praticamente desconhecidas aqui.

¹⁸ Caio Prado Jr. (1907) destacou-se por ter dado nova orientação aos trabalhos sobre a História do Brasil. Em seu primeiro livro, publicado em 1934, dizia utilizar “um método relativamente novo” que denomina “interpretação materialista”; explica que, como aconteceu noutros países, “também na nossa história os heróis e os grandes feitos não são heróis e grandes senão na medida em que acordam com os interesses das classes dirigentes, em cujo benefício se faz a história oficial...” (1934, p. 8). O autor aperfeiçoará e aprofundará em estudos subsequentes à perspectiva marxista. Ver a reedição de 1953, citada na bibliografia desse trabalho (PRADO JR., 1953).

¹⁹ Gilberto Freyre (1900-1987) defendeu sua dissertação de mestrado em Antropologia em 1922, na Columbia University, e nela se encontra já delineada a orientação que dará à sua primeira grande obra, Casa Grande e Senzala. Considerava-a, e também as duas outras que com ela formam uma trilogia, uma introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil.

²⁰ Artur Ramos (1903-1949) mostrou em seus trabalhos a importância da contribuição negra para a civilização brasileira, e chamou a atenção para o grande valor da obra de Raimundo Nina Rodrigues, assim como para o papel que este desempenhara entre os especialistas europeus.

interligavam também, formando um tecido de noções explicativas próprias, que não podiam impunemente ser postas de lado. Quando foram criados os departamentos de ciências sociais, os alunos que neles ingressavam, se muito interessados, traziam já uma bagagem de conhecimentos que lhes permitia uma compreensão mais ampla e clara das aulas do que se estivessem pela primeira vez entrando em contato com tais disciplinas. Aqueles que vinham das escolas normais primárias haviam já travado conhecimento com a Sociologia Geral e a Sociedade da Educação, que a Reforma do Ensino de 1928 introduzira nos currículos²¹; era uma visão durkheimiana da Sociologia certamente - mas era essa a base também dos mestres que compunham a Missão Francesa. Além disso, não eram apenas estrangeiros os docentes de ciências sociais nas universidades recém-fundadas; brasileiros de renome ocupavam também cátedras e contribuía para a formação dos novos especialistas²².

Um exame sucinto das contribuições mais importantes dos mestres franceses que aqui se demoraram permitirá compreender até que ponto puderam aproveitar o que já existia no país, até que ponto foram compelidos a utilizar em suas interpretações predominantemente o acervo teórico adquirido em sua formação.

No Rio de Janeiro, Jacques Lambert foi atraído por uma perspectiva que, se colocava muitos problemas, também lhe permitiria talvez chegar à solução de um problema importante: efetuar um diagnóstico sobre a sociedade brasileira naquele momento. O resultado de suas indagações foi o livro publicado primeiramente em francês, *Le Brésil: structures sociales et institutions politiques* (1953), cuja tradução se denominou *Os dois Brasis*. Sua repercussão foi muito grande, pois desvendava aspectos da realidade nacional, desconhecidos ou pouco levados em consideração. Baseado em dados estatísticos de 1940 e 1950 e em documentação variada, tendo colhido dados econômicos, educacionais, políticos, culturais, na edição francesa cada capítulo é terminado por sugestões de leituras, citando as obras principais a respeito do assunto, o que infelizmente foi suprimido na tradução brasileira; dá ali uma demonstração de quanto conhece e preza o trabalho dos nacionais.

²¹ Primeiramente introduzida no Colégio Pedro II, na década de 20 do século XX, a Sociologia Geral e a Sociologia da Educação passaram em seguida a ser adotadas pela Escola Normal Primária, no Recife, e em seguida pelo Instituto de Educação Caetano de Campos, de São Paulo. Em 1931, ambas se tornaram gerais no currículo das Escolas Normais Primárias do país, devido à reforma do ensino efetuada pelo então ministro da educação Francisco Campos. A influência durkheimiana era marcante, nesses cursos.

²² Um dos nomes que se destaca é o do Prof. Dr. Fernando de Azevedo (1894-1974), um dos introdutores do curso de Sociologia Geral e da Educação em escolas normais primárias, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, anteriormente à reforma de Francisco de Campos. Suas obras - principalmente *A Cultura Brasileira* - contribuía para se ter uma visão do desenvolvimento científico que se operava no país (AZEVEDO, 1943). Em todos os ramos das ciências, aliás, nos primeiros tempos da Universidade de São Paulo, por exemplo, nomes nacionais colaboraram com professores estrangeiros.

Diplomado em Direito, Jacques Lambert completou seu curso jurídico, mas foi atraído pelas ciências sociais²³ e esse duplo interesse se reflete na maneira de conduzir sua pesquisa no Brasil. Seu problema central é o do conhecimento das instituições, como habitualmente fazem os pesquisadores que são marcados pela formação em ciências sociais jurídicas, atraídos sempre pelos conjuntos estruturados de elementos sócio-culturais que consideram assegurar um mínimo de estabilidade para que sejam mantidos os grupos sociais. Chamou-lhe a atenção, no país, a existência de uma dicotomia estrutural, compondo duas sociedades que não pareciam evoluir no mesmo ritmo nem se encontravam numa mesma fase, mas que não eram separados por diferenças de natureza e assim por uma diferença de "idade"²⁴.

Na base de tal observação, que tomava para ele a forma de um postulado²⁵, se encontrava a noção da diversidade indiscutível entre coletividades urbanas (sede da modernização) e coletividades rurais (*locus* da tradição e do arcaísmo), divisão adotada desde muito nos trabalhos europeus, em que tais coletividades são consideradas pólos opostos irreduzíveis, fontes de tensões e desequilíbrios. Essa contradição intransponível dos estudos europeus se transformava ao ser aplicada ao Brasil, no qual aparecia sob a forma da oposição entre, de um lado, Sudeste e Sul, sedes das modernizações, e de outro lado Nordeste, Norte e Centro-Oeste, marcados pelos arcaísmos. Existiam, pois, no Brasil dois sistemas de organização econômica e social, diferentes tanto em seus níveis quanto em seus costumes, mas unidos sob um mesmo sistema político. O desenvolvimento do país não podia se dar senão por meio de dissensões e de choques contínuos, com um distanciamento cada vez maior entre as duas formas econômicas e de vida, refletindo-se também em descompassos políticos, embora sob a capa de um mesmo sistema. As conclusões a que chegava o autor eram pessimistas, embora veladamente.

Encontra-se na obra de Jacques Lambert uma descrição metódica, baseada em excelentes dados, do que era o Brasil na década de 40/50²⁶. Sua interpretação, no entanto,

²³ Jacques Lambert não apenas se diplomou em direito, mas também se tornou professor da cátedra de direito Comparado, na Faculdade de Direito de Lyon, sucedendo a seu pai, Eduardo Lambert. A formação jurídica reflete-se na escolha de seu foco de pesquisa, que é constituído pelas instituições, isto é, conjuntos de elementos sócio-culturais peculiares a determinada coletividade, os quais são estruturados segundo formas e regras próprias a ela, havendo o pressuposto básico de que as instituições se caracterizam por assegurarem um mínimo de estabilidade e constância na existência de grupos sociais. São as instituições encaradas como os freios que se contrapõem à dinâmica social, permitindo às coletividades a permanência no tempo.

²⁴ Dizia Lambert (1959, p. 105) que os brasileiros estavam "divididos em dois sistemas de organização econômica e social, diferentes nos níveis como nos métodos de vida", formando duas sociedades que, no entanto, "não estão separadas por uma diferença de natureza, mas por diferenças de idade." No entanto, embora afirme identidade de natureza, há ambigüidades em suas observações que mostram admitir também uma diversidade essencial entre ambas.

²⁵ A afirmação durante todo o trabalho, age enquanto proposição admitida como base de um sistema dedutivo, que fará chegar a uma teorização com relação ao objeto estudado. O raciocínio de Jacques Lambert segue o caminho dedutivo, acumulando dados segundo a orientação de seu postulado, o qual provém das maneiras de pensar européias então existentes.

²⁶ Seu trabalho transcorre também numa comparação em diversos níveis: Brasil/América Latina; América Latina/Estados Unidos; Brasil/América Latina/Europa. A comparação é um dos instrumentos mais importantes de que lança mão em suas análises, não esquecendo portanto que toda coletividade (no caso o Brasil) se insere num

conquanto grosso modo pudesse ter vislumbres de adequação, não resiste a uma análise mais aprofundada, pois a distinção que encontrou entre um Brasil moderno e um Brasil arcaico não está, na verdade, geograficamente delimitada como ele queria mostrar, nem tomava a forma de rigorosa separação entre o urbano e o rural, como pensava, seguindo o modelo europeu. Na verdade, a interpretação entre ambas era e, ao que parece, sempre foi, enorme, com grande fluidez de limites entre o urbano e o rural, entre o moderno e o arcaico; ao contrário de uma incompatibilidade fundamental, existe certamente contradição e oposição, além de interpenetração, mas há também associações muitas vezes e outras vezes paralelismo, quanto a essas características, em todas as regiões do país e em todas as suas coletividades.

Pierre Monbeig, em seus trabalhos, devido à formação de geógrafo, voltou-se principalmente para a organização do espaço. Chamou-lhe a atenção justamente essa interpenetração entre o novo e o velho, ao aprofundar suas pesquisas sobre os cafeicultores paulistas, que acabavam de sofrer o golpe da crise mundial de 29/30, e ao deparar com o desenvolvimento extraordinário do Norte do Paraná, onde Londrina, fundada oficialmente em 1934²⁷, estava em expansão acelerada. Zonas agrícolas velhas e novas, cidades nascendo e cidades mortas, se distribuíam no espaço brasileiro, sem algo que pudesse indicar limites claros. Somente a abordagem histórica permitia compreender o que ocorria, desvendando, por detrás da paisagem que se oferecia aos seus olhos, a ação do passado e as determinações da conjuntura, esta encarada em seu aspecto mais amplo manifestado na sociedade global e não somente no que certo local apresentava de específico²⁸. Essa abordagem o levou ao estudo preferencial das "zonas de fronteira".

A orientação de Monbeig condizia com os ensinamentos da geografia francesa da época, em que historiadores, geógrafos, sociólogos estavam em contato estreito, que os fazia colaborar nas mesmas revistas²⁹. A vinda do geógrafo ao Brasil constituiu para ele, como

contexto coletivo mais amplo. No entanto, enquanto Georges Gurvitch, ao falar em "sociedade global", na qual se insere sempre a coletividade estudada, apontava para a necessidade de vários ângulos de focalização, mantendo seu acordo com a definição de fenômeno social total, de Marcel Mauss (pois, como sempre frisou, os fenômenos sociais são sempre também históricos, políticos, econômicos, psicológicos e até mesmo fisiológicos), Jacques Lambert manteve-se sempre ligado à abordagem institucional, sem a complementação de outras perspectivas que não essas.

²⁷ Pierre Monbeig foi o primeiro cientista social a estudar, no Brasil, o fenômeno das zonas pioneiras, ao efetuar sua pesquisa sobre o Norte do Paraná, que começara a se povoar na década de 20 (MONBEIG, 1952). Sobre o desenvolvimento do Norte do Paraná é interessante ver também a publicação comemorativa do *Cinqüentenário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná* (1975).

²⁸ Pierre Monbeig não se limitava, pois, a simplesmente descrever as localidades e seus tipos humanos, tudo colocado em determinado espaço, com seus limites e suas abrangências. Desprendia-se, portanto, da Geografia Humana clássica, empenhada em traçar uma grande classificação de aspectos humanos segundo as regiões, deixando de lado qualquer aproximação ou alusão a outras abordagens como a histórica, a sociológica, a econômica, a política, que ele englobava.

²⁹ Assim, nos anos 30, fora fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, colaborando nela então historiadores, como Pierre Vilar, Fernand Braudel, assim como geógrafos, entre os quais o próprio Monbeig; já então os problemas que o interessavam eram os da economia agrícola, da reforma agrária, do êxodo rural, das migrações, tanto na atualidade quanto em determinados períodos da história.

sempre reconheceu, uma oportunidade única e extraordinária: a de encontrar no país uma população das mais heterogêneas, em movimentação extraordinária num enorme espaço ainda praticamente virgem, que ela ia modelando ao bel prazer de suas necessidades, de suas maneiras de pensar, de suas ambições; o jovem geógrafo tinha assim, sob seus olhos, experiências das mais opostas – o problema de desvendar territórios quase inabitados, o espetáculo da fixação de novos colonos em locais os mais diversos, a análise do abandono de zonas esvaziadas devido à atração exercida por outras³⁰. Descobriu, então, que a movimentação seguia polarizações que somente a pesquisa permitia alcançar e que pareciam existir desde fins do século XIX, quando o enriquecimento das zonas cafeeiras do chamado Oeste de São Paulo deu à cidade paulistana uma ênfase que até então ela não tivera.

A tarefa do geógrafo era tanto mais árdua quanto mais escasseavam informações, mapas e os serviços estatísticos estavam em curso de implantação; no entanto, existia já uma documentação bastante farta, de que o pesquisador lançou mão, como o provam as copiosas notas de rodapé de que se encontram enriquecidos os seus textos. Foram completados por extensa e profunda observação direta, que efetuou levando consigo equipes de pesquisa formadas pelos seus alunos. A tarefa tornava-se verdadeira aventura, pois, como explica em seu prefácio, “a grande distância entre a cidade de São Paulo e as novas regiões, as dificuldades de circulação, a impossibilidade de viajar durante a estação das chuvas que coincide justamente com as férias universitárias e ainda outros obstáculos que os geógrafos acostumados a trabalhar em países velhos não conhecem com o mesmo grau de intensidade”, dificultavam a realização das pesquisas³¹. Seus trabalhos não têm somente valor de documentos hoje; eles também apontam para linhas de orientação que realmente foram seguidas e que ainda hoje norteiam o desenvolvimento sócio-econômico nacional³².

Sem dúvida é possível argüir que falta ao quadro geográfico assim traçado o conhecimento da civilização e da mentalidade que ali se desenvolviam e que se encontram ligadas tanto à estrutura interna de etnias e de classes sociais, quanto aos aspectos políticos, no

³⁰ O papel de polarização e ao mesmo tempo de agente disseminador desempenhado pela cidade de São Paulo, em fins dos anos 40, foi admiravelmente detectado por ele, ao analisar a influência desta cidade sobre as zonas pioneiras. Ver Monbeig (1953). Raymond Pébayle, em livro recentemente publicado, retomou as conclusões do grande geógrafo, verificando como eram ainda válidas as mais importantes delas (PÉBAYLE, 1989). Ver também Pereira de Queiroz (1988).

³¹ A riqueza de documentação citada, tanto nacional quanto estrangeira utilizada por Monbeig, mostra que estava faltando justamente, diante de trabalhos parcelados e locais, alguém que num esforço de síntese os reunisse. É importante notar como a síntese foi sempre orientada e confrontada criticamente com a observação direta do geógrafo. Sem dúvida está nesse procedimento a base do sucesso de seu trabalho.

³² Mostra ele, numa de suas conclusões, que “relações cada vez mais estreitas se estabelecem entre as indústrias das grandes cidades e a franja pioneira: passou já a hora, para o Brasil, em que toda a sua produção estava voltada para a exportação; os produtos da terra têm um mercado nacional que se expande de ano em ano.” (MONBEIG, 1952, p. 363). As mentalidades, no entanto, parecem evoluir mais devagar do que a economia, pois ainda hoje o desenvolvimento agrícola em particular e econômico em geral, estão ainda dominados principalmente pelo desejo de exportar...

sentido mais amplo do termo, dizendo respeito às dominações internas e externas que comandam determinadas orientações tomadas. Essa pretensa falha, que não era mais do que o resultado, de um lado, da formação do geógrafo, preocupado, antes de mais nada, com o conhecimento da realidade espacial e humana ainda por desvendar, diante da qual se encontrava, e, de outro lado, das dificuldades inerentes à pesquisa numa sociedade em que era espectador ao mesmo tempo da gênese de meios rurais e urbanos, de sua permanência e de sua decadência em nada prejudicou sua contribuição. Ela foi, de certo modo, completada pelas pesquisas de um sociólogo que foi seu amigo, aqui chegado um pouco depois dele, Roger Bastide.

Deixando de lado alguns poucos livros (principalmente os dois primeiros, redigidos antes de sua viagem), toda a obra de Roger Bastide tem o Brasil ao mesmo tempo como objeto de estudo, material de comparação com outras regiões e países, base para as reflexões teóricas e, finalmente, instrumento para o autoconhecimento do pesquisador. Pode-se dizer que o Outro, o Alhures, o Além, refletindo-se sobre o Ego, constituíram os grandes eixos que orientaram seus trabalhos. Ao chegar ao Brasil, a busca do Outro se orientou em duas direções convergentes, concretizadas numa só pesquisa: 1) o conhecimento da obra dos poetas negros, como porta de entrada para o estudo de um grupo étnico subjugado e de seus dominadores e 2) a identificação dos complexos que, malgrado possíveis disfarces e afirmações de inteira integração ao meio nacional, poderiam experimentar devido à sua situação. Percorria assim um caminho que era "o inverso do caminho dos discípulos de Freud", uma vez que, partindo "de dados reais, de observação fácil, provenientes do meio exterior", isto é, das particularidades étnicas, religiosas, sócio-econômicas dos diversos grupos, buscava atingir o desconhecido, onde se encontravam as mentalidades, os valores³³. Hierarquia e dominação constituíam, pois, o fulcro dos trabalhos que desenvolveria pela vida afora.

A visão do Brasil, que foi construindo em pesquisas múltiplas, teve como ponto de partida o que aprendeu em autores nacionais, tanto seus predecessores quanto de seu tempo. Não os utilizou somente como fonte de dados, que, aliás, eles forneciam em abundância; mas, com reflexão crítica, discerniu as contribuições teóricas que traziam às ciências sociais. Valorizou, em Raimundo Nina Rodrigues, "a grande descoberta do sincretismo religioso entre os deuses africanos e os santos católicos", pois fora o médico baiano o primeiro a chamar a atenção de pesquisadores para o fenômeno, que mais tarde os americanos denominaram aculturação; em Arthur Ramos, encontrou o grande mérito de ter "substituído ao velho princípio de civilizações superiores e inferiores, o princípio da relatividade das culturas"; em Gilberto Freyre, finalmente,

³³ Freud (1856-1941) e seus discípulos partem dos complexos de um paciente para conhecer a posição deste no interior do grupo familiar, assim como as interrelações e os valores ali existentes. Bastide preconiza, para os sociólogos, o caminho inverso; desconhecendo os complexos, partir das hierarquias e estruturas de dominação do grupo a fim de atingir o seu íntimo e conhecer quais as marcas deixadas no inconsciente coletivo. Ver Bastide

encontrou a abordagem sociológica das relações étnicas e das transformações culturais, uma vez que a hierarquia e a dominação estão presentes como base em pelo menos dois de seus trabalhos mais importantes³⁴. Não são apenas esses os autores citados, mas todos aqueles que trouxeram, além de descrições válidas, um avanço teórico em relação aos que os haviam precedido. Esse reconhecimento do mérito dos autores nacionais (que mesmo entre pesquisadores brasileiros é difícil de ser encontrado) foi uma constante em seus trabalhos, que procurou pautar sempre pelo anti-etnocentrismo.

Depois de conhecer os negros por meio de seus poetas³⁵, foi freqüentando sociedades de negros as mais variadas, assim como os terreiros dos cultos religiosos, aprofundando sua pesquisa sobre a ambigüidade dos inter-relacionamentos nacionais entre as etnias e seu reflexo nos complexos culturais. Esses contatos freqüentes complementavam uma outra fonte de experiências - o convívio com a *intelligentzia* nacional e principalmente a paulista, tendo assim conquistado grandes amigos em pelo menos dois níveis sociais muito diversos. Sua integração no meio brasileiro foi profunda e múltipla³⁶. Alcançou, pois, uma visão do Brasil que o levou à crítica de posições interpretativas e de conceituações habitualmente empregadas na Europa e nos Estados Unidos, mas que achava pouco adequadas a este país.

É o que se verifica na vigorosa introdução a um de seus livros-mestre, aquele que dedicou às religiões afro-brasileiras. Reconhecendo-se embora pertencente "à velha geração formada por Durkheim, que acredita num determinismo, numa natureza social submetida a leis", foi levado cada vez mais a se contrapor a ele em vários pontos, assim como a outros, entre os quais principalmente Lévy-Brühl. Participando de cerimônias de candomblé, pôde verificar que o transe não consistia em manifestações individuais caóticas, efervescentes, que chegariam a gerar mecanicamente uma comunhão afetiva e irracional, como acreditara Durkheim, que via aí o despontar de uma das formas da coesão social³⁷. Ao contrário, não encontrou Bastide naquelas

(1943, p. 4, 7, 9).

³⁴ Assim, na visão de Brasil que foi construindo em pesquisas múltiplas, em seus dezesseis anos de permanência no país, se conjugam elementos fundamentais que aprendeu com seus mestres franceses e com outros que foi encontrando, assim como em autores nacionais, antigos ou do seu tempo. Não se trata de justaposições, nem de colcha de retalhos. A crítica, a partir dos dados que colhia, lhe forneceu o crivo pelo qual passou informações e teoria. Ver toda a introdução à sua obra sobre as religiões afro-brasileiras, particularmente as páginas 27 a 38. (BASTIDE, 1960).

³⁵ Na análise dos poetas negros brasileiros, buscou apreender tanto o ponto de encontro entre a cultura africana e a brasileira, dentro das mentalidades, quanto também quais os complexos recalcados provenientes da posição de inferioridade dos negros numa sociedade que se auto-definia como branca, e assim encontrar os complexos de quem negava possuí-los. Ver a excelente introdução Bastide (1960, p. 27ss.).

³⁶ Por onde passou, como pesquisador, como professor, como amigo, Roger Bastide deixou lembranças afetuosas e indelévels, e embora tivesse somente regressado por duas vezes e por períodos muito breves, pode ver que realmente passara a fazer parte de coletividades no país. Os termos que utilizou no fim da introdução às religiões afro-brasileiras não devia ser Africanus sum e sim Brasileirus sum; pois não foi aceito somente numa seita e por seus membros considerado irmão - foi aceito por variadas classes de brasileiros. Numa região caipira do Estado de São Paulo, onde estivera fazendo pesquisa em companhia de Antonio Cândido de Melo e Souza, anos depois este último ouviria um repentista local entoar um louvor ao mestre ausente.

³⁷ Para Durkheim, o transe era o magma efervescente das emoções individuais. Bastide, em seu trabalho, a partir da

danças aparentemente frenéticas, nem êxtase coletivo, nem uma possessão que se originasse de uma espécie de contágio coletivo; os santos baixavam em seus cavalos segundo uma ordem fixa, dirigida pelos temas dos tambores, que respeitavam toda uma série de normas³⁸. Noutra palavra, o transe místico seguia modelos tradicionais e estava sempre inteiramente controlado pelo grupo. No entanto, também achava Bastide que o indivíduo, embora muitas vezes condicionado pela coletividade, podia também agir como um elemento modificador em todos os processos e construções sociais, em circunstâncias que era necessário diagnosticar e desvendar. Assim, onde Durkheim, em seus estudos de gabinete, achara o indivíduo como redução final da feira causal, Roger Bastide encontrara a coletividade e vice-versa.

A coleta pessoal de dados numa situação específica não apenas de coleta, mas principalmente de vivência, aliada ao recurso aos trabalhos dos estudiosos brasileiros, levou, portanto, Roger Bastide ora a reinterpretar, ora a corrigir teorias européias e também a inovar no campo teórico, no campo das conceituações e dos procedimentos. Chegou, por esse meio, a uma crítica de si próprio, dos quadros do seu próprio pensamento, que se construía na sociedade européia e no sistema de valores dela, podendo finalmente afirmar: "O sociólogo que estuda o Brasil não sabe mais que sistema de conceitos utilizar. Todas as noções que aprendeu nos países europeus ou norte-americanos não valem aqui. O antigo mistura-se com o novo. As épocas históricas emaranham-se umas nas outras. Os mesmos termos como classe social ou dilética histórica não têm o mesmo significado, não recobrem as mesmas realidades concretas. Seria necessário, em lugar de conceitos rígidos, descobrir noções de certo modo líquidas, capazes de descrever fenômenos de fusão, de ebulição, de interpretação, noções que se modelariam conforme uma realidade viva, em perpétua transformação." (BASTIDE, 1959, p.11).

Três grandes professores franceses, mostrando faces diversas do Brasil. Em que medida a diferenciação provirá de sua formação, em que medida decorrerá de uma integração mais ou menos profunda na realidade nacional?

Jacques Lambert estudou as instituições no Brasil na perspectiva em que se coloca o estudioso das leis, mesmo quando efetua uma abordagem sociológica: preocupou-se em estabelecer a existência das normas, isto é, de tudo que prescreve o que se deve fazer, e também de verificar sua efetividade. O termo norma é aqui tomado em sentido amplo, designando tanto as instituições políticas e jurídicas inscritas em códigos, em leis etc., quanto as instituições cuja

observação direta e dos documentos consultados, em antagonismo completo com o Mestre, provou que os momentos de maior efervescência do transe eram também aqueles em que se observava "um respeito mais absoluto ainda das regras rituais que ligam as pessoas num conjunto de relações", de tal modo que "a comunhão é sempre uma comunhão estruturada", ou, noutras palavras, "o transe permanece sempre controlado pelo grupo." (BASTIDE, 1960, p. 330-333).

³⁸ Norma significa nesse caso, tanto os modelos de comportamento exagerados em constituições, estatutos, regulamentos etc., quanto os padrões de comportamento revelados através da variação segundo níveis de renda, segundo o sexo, segundo a idade, segundo a localidade, segundo a instrução etc.

existência somente se alcança através da análise de dados estatísticos ou de outros tipos de documentos sobre o comportamento das coletividades. Foi a partir de um conjunto muito variado de dados como esse que, na década de 1950, Jacques Lambert tentou traçar uma imagem do Brasil para o período de 40-50. No entanto, se o trabalho é hoje valioso conjunto de dados sistematizados, mostrando as características das diversas regiões e áreas de atividades então existentes no país, mostrando discrepâncias muitas vezes de elevado grau, a interpretação dada pelo autor suscitou debates contrários no próprio momento da publicação.

O melhor exemplo de sua interpretação encontra-se sintetizada nesta afirmação: "O Brasil contemporâneo resiste mais à mudança do que a terra quase deserta do séc. XVI; (...) as novas formas de culturas da Europa ou da América industrializada chocam-se contra milhões de indivíduos que se tornaram 'indígenas', que têm uma cultura a defender e que constituem comunidades muito bem organizadas para defendê-la. Não são somente os Estados distantes do Nordeste, do Norte ou do oeste que resistem às mudanças que São Paulo e as cidades em geral acolhem com entusiasmo, mas também as zonas rurais muito próximas, cuja estrutura em sociedades fechadas torna dificilmente permeáveis às influências exteriores." (LAMBERT, 1959, p. 109). Essas afirmações parecem sugerir uma referência a Euclides da Cunha e, fins do século XIX, ao presenciar a luta de Canudos, o genial escritor havia justamente apresentado, como interpretação para ela, a resistência dos sertanejos contra as novidades difundidas pelas cidades³⁹.

Na verdade, o autor estava orientado, em sua maneira de ver, por um modelo de interpretação nitidamente europeu, baseado no cartesianismo francês que concebera o princípio: aquilo que é essencialmente oposto absolutamente não se mescla nem se confunde. Assim sendo, as zonas dominadas pelo arcaísmo, no Brasil, ou nos nichos rurais em que a tradição se aninhara, constituíam barreiras à difusão de elementos inovadores, que as grandes cidades, ao contrário, acolhiam; pois a inovação tendia em geral a vir de fora, de um mundo ocidental criador. Estudiosos do início do séc. XX na França, e ainda na década de 1940 o grande trabalho de André Varagnac⁴⁰, tinham sugerido essa explicação para o desaparecimento rápido da civilização rural do país: haviam oposto as populações rurais tenaz obstáculo à disseminação das novidades provenientes da industrialização, que havia instalado um novo modo de vida urbano, mas a

³⁹ Pode-se ir mais longe ainda ao passado e encontrar nas páginas que José de Alencar escreveu para defender seus livros, acusados de um nocivo francesismo, a mesma idéia da difusão de novidades a partir das grandes cidades (no caso, a Corte, isto é, o Rio de Janeiro) e a resistência que o meio rural (as fazendas, os sítios) opunham a tal disseminação (ALENCAR, s.d.a, p. xiv-xvii). Seu romance *O tronco do ipê* é uma verdadeira ilustração das contradições entre os costumes citadinos e os costumes roceiros (como se dizia na época) (ALENCAR, s.d.b). A dicotomia cidade-meio rural representando modernidade-arcaísmo é uma constante na literatura e nas ciências sociais do século XIX, no Velho Mundo e repercute diretamente no Novo.

⁴⁰ Seria possível indicar inúmeros outros; porém o de Varagnac (1948) é provavelmente o mais significativo e o mais recente.

expansão das vias de comunicação promoveram a chegada da modernização aos pontos mais recuados e os velhos costumes desapareceram. No Brasil, a falta de meios de comunicação causaria, ainda na década de 40, os mesmos resultados.

Jacques Lambert havia diagnosticado para o Brasil não propriamente uma imobilidade e sim um *status quo*, em que duas correntes opostas consolidavam uma contradição que não seria nunca resolvida: o desenvolvimento das regiões privilegiadas e de suas cidades as arrastaria cada vez mais para longe das regiões desamparadas e tradicionalistas, cujo próprio conservantismo, cada vez mais arraigado devido a uma reação de revolta contra a novidade, as levaria em sentido oposto, distanciando-as também cada vez mais da parte do país que se desenvolvia. Para Monbeig, tal desequilíbrio seria essencialmente momentâneo em suas manifestações espaciais e econômicas; podia ser que em determinado instante, no Estado de São Paulo, por exemplo, zonas velhas coexistissem com zonas que ostentavam sua modernização, mas num instante seguinte já o velho se via invadido pelas novidades e o novo se esvaía perdendo sua riqueza e, com ela, seu desenvolvimento. O problema brasileiro não seria mais o imobilismo nem o status quo, e, sim, a instabilidade que uma espécie de moto perpétuo parecia gerar.

Enquanto o jurista-sociólogo se impressionava com as contradições institucionais que encontrava, o geógrafo foi sempre impelido em seus trabalhos pela grande incógnita brasileira da distribuição e mobilidade da população pelo enorme espaço nacional, na ação recíproca terra/homem. Em seus trabalhos, o espaço está sempre presente como um dado de base para as coletividades, com o qual é indispensável contar ao se diagnosticar algo que permita sugerir iniciativas; no entanto, se as gerações herdarem espaços cuja construção não dependeu delas, a continuidade ou a transformação desses mesmos espaços dependerão exclusivamente da atividade delas. Nos trabalhos de Monbeig, divisa-se a imagem de populações brasileiras diferenciadas e suas maneiras de agir. Num e noutro autor, os problemas são abordados por determinados caminhos que, embora úteis e eficientes, permanecem em áreas que Georges Gurvitch chamaria de primeiros patamares dos fatos sociais, patamares mais concretos e visíveis. A penetração mais a fundo, atingindo o âmago do inconsciente coletivo nacional, foi efetuada por Roger Bastide, sem dúvida porque sua preocupação maior foi com a cultura brasileira, inscrita nas crenças e nos costumes, mas também se diferenciando segundo as valorizações referentes aos grupos étnicos e às camadas sócio-econômicas. Para tanto, considerou fundamental iniciar seus trabalhos penetrando no recôndito da subjetividade brasileira – por meio da análise dos poetas negros, por exemplo – para poder iluminar, de dentro, os dados objetivos. Sua diferença em relação aos outros dois cientistas sociais aqui examinados decorre da perspectiva em que se colocou, cotejada com aquela que cada um dos demais trilhou – decorre, portanto, de sua metodologia, no sentido correto do termo.

A inflexão metodológica aparece aqui como determinante da maneira de o pesquisador encarar seu objeto e utilizar, para alcançá-lo, determinado procedimento. Para Jacques Lambert, as instituições constituíram o fio condutor de suas pesquisas; para Pierre Monbeig, a organização do espaço; para Roger Bastide, o que se chamaria de inconsciente coletivo. Delineados esses objetivos, as formas por meio das quais seriam resolvidos os problemas da pesquisa também passavam a se afirmar. Jacques Lambert foi um pesquisador de gabinete, que efetuou a leitura de fontes diversas de informação, livros e estatísticas. Pierre Monbeig foi um pesquisador de campo, que percorreu incansavelmente as regiões brasileiras, acompanhado de suas equipes de estudantes, recorrendo fundamentalmente à observação direta. Roger Bastide pôs plenamente em prática a observação participante, que o levou a um início de iniciação num candomblé⁴¹; mas ensinava sempre que esta nunca deve ser exercitada sozinha e que só produz resultados realmente válidos quando o material assim coletado passa pelo confronto com os dados colhidos por meio de outras técnicas e inclusive com os dados provenientes de outros pesquisadores e do passado; essa ampla coleta não apenas ampliava o material estudado, mas e principalmente constituía um crivo crítico para se repensar o que se adquirira na experiência vivida. Só assim a simples observação participante perdia seus possíveis vieses e atingia o ponto de excelência das técnicas sociológicas, o da observação controlada.

À medida que se estreitavam as relações de Roger Bastide com os brasileiros de meios brasileiros muito diversos - a intelectualidade brasileira, os componentes negros de uma pequena burguesia negra muito politizada, as mães de santo e os fiéis dos candomblés - mais foi ele efetuando uma crítica dos próprios quadros conceituais dentro dos quais eram efetuados os trabalhos de pesquisa nas ciências sociais. De onde sua afirmação de que as conclusões a que chegavam os cientistas sociais, entre os quais ele se incluía, se originavam da aplicação, a povos de outras civilizações, "dos quadros de nosso próprio pensamento, moldados pela nossa própria sociedade ou nosso próprio sistema de valores"⁴². A crítica aos conceitos que ele próprio adquirira nas aulas de seus professores e no estudo de grandes especialistas (como, por exemplo, Lévy-Brühl), levou-o a reformular conceituações e teorias existentes. Chegara assim a um relacionamento profundo e estreito com o país que o acolhera.

Uma de suas preocupações era pois a colocação em perspectiva do seu próprio pensamento teórico, assim como das suas próprias maneiras de sentir. Era esse o ápice que alcançava o cientista social, o que só se tornava possível quando não temia abdicar do seu

⁴¹ Ver, entre outros, Monbeig (1937, 1947, 1959, 1978).

⁴² Muitas vezes se indaga de que maneira um protestante francês convicto pôde se tornar um adepto de candomblé realizando também, com crença e devoção, os rituais exigidos. A explicação é dada pelo próprio Roger Bastide, quando acrescenta ao conceito de participação, definido por Lucien Lévy-Brühl, o conceito de cisão, que considera mais importante do que o primeiro, e que levava à reformulação de toda a teoria do sociólogo seu antecessor. Ver Bastide (1953, 1955). Ver também Pereira de Queiroz (1983, p. 31-37).

pedestal de indivíduo pertencente ao Ocidente civilizado, para colocar em dúvida a validade de valores que lhe tinham sido inculcados desde a infância. Pôde, então, estabelecer a sua regra básica: "Trata-se, para o sociólogo, de não se colocar de maneira exterior à experiência social, e sim de vivê-la, (...) Temos necessidade de nos transformar naquilo que estudamos, multidão, massa, classe ou casta (...) É necessário, como num ato de amor, transcender nossa personalidade para aderir à alma que se encontra ligada ao dado estudado." (BASTIDE, 1946, 8 e 22 de fevereiro). Desvendar os próprios juízos de valor, numa autocrítica fecunda apoiada no conhecimento de sua posição específica no grupo ou na sociedade de que provinha e que condicionava suas atitudes, era para o pesquisador uma condição fundamental para chegar ao âmago do que estudava; a descoberta de seus próprios preconceitos e de seus próprios complexos é que lhe permitia chegar mais longe na compreensão do que estudava.

Foi também essa atitude que deu a Roger Bastide toda a liberdade de movimentos na apreciação dos trabalhos de autores estrangeiros e nacionais, apreciando-os no mesmo nível em que estava formulando críticas e mostrando também os limites do pensamento dos sociólogos do chamado Primeiro Mundo. Não interessavam a Roger Bastide as instituições enquanto tais; por exemplo, não lhe interessavam códigos e normas em si, nem mesmo as rezas; o que desejava era verificar que sentido dava o indivíduo à reza que realizava ou à norma a que obedecia, no momento de sua execução. Comparando-o com Jacques Lambert, verifica-se que este ficara na reza e na norma enquanto tais. Por sua vez, Pierre Monbeig buscou alcançar e compreender a atividade dos indivíduos no momento de sua execução em determinado lugar do espaço e explicá-la, mas não penetrou no sentido que emprestavam os indivíduos àquilo que empreendiam, e que poderia se diferenciar daquilo que se captava pela simples análise da ação num momento geográfica e historicamente delimitada.

Jacques Lambert permaneceu cantonado nas teorias que apreendera e que o conservaram mentalmente exterior à sociedade em que viera se instalar; buscou os dados objetivos para sua obra em trabalhos dos pesquisadores nacionais, mas não avaliou o que significavam em relação aos próprios indivíduos, por um lado, e, por outro lado, em relação também e principalmente com as maneiras de ver da comunidade científica mais ampla - noutras palavras, considerou tais trabalhos como meros repositórios de dados, sem nenhuma avaliação mais acurada. Se por objetividade científica se entende colocar-se o pesquisador inteiramente fora de seu objeto de estudo, encarando-o do exterior, foi sem dúvida Jacques Lambert que, dos três estudiosos pesquisados, alcançou a maior objetividade. Pierre Monbeig efetuou pesquisas de campo, o que o levou a uma convivência muito mais estreita com seu objeto de estudo; no entanto, a própria definição da geografia humana o colocava numa posição específica diante dos dados, que lhe cumpria analisar por meio da sua distribuição no espaço. Desse modo, também permanecia num

nível em que o desenvolvimento pessoal não era aprofundado, nem podia se constituir como parte do estudo efetuado. Dos três, Roger Bastide conseguiu a façanha de descer ao âmago dos problemas que estudou e de integrar os pesquisadores brasileiros no lugar que lhes competia, no acervo de trabalhos e teorias da comunidade científica mais ampla.

A perspectiva em que se colocam os cientistas sociais, ao efetuarem suas pesquisas, é influenciada por conjuntos de fatores os mais diversos, entre os quais ressaltam, pois, aqueles que dizem respeito à escolha de seu objeto de estudo e à própria atitude que desenvolvem em relação a ele. Quanto mais se opera uma interpenetração entre eles e o objeto estudado, mais fundo levam sua compreensão do mesmo. No entanto, essa maneira de ser exige um desprendimento em relação aos seus próprios valores intelectuais que não é dado a todos alcançar. A análise dos três casos aqui apresentados leva à constatação de que o envolvimento do pesquisador com a sociedade que transformou em seu objeto de estudo, evidenciado por uma vivência em diversas camadas sociais e por uma adesão emocional a algum de seus grandes problemas, constitui um dos fatores importantes para a maior penetração de seu conhecimento específico.

Sem dúvida esse fator, indiscutivelmente do maior relevo, pode também levar a grandes erros se não for estabelecido por um saber especializado muito amplo, por uma crítica bem fundamentada desse mesmo saber e também da própria adesão emocional do pesquisador e finalmente pela porta de entrada que escolheu para estudar o objeto que lhe interessa. Reunir esses vários predicados não é dado a qualquer um. E aqui se toca no fator sem dúvida o mais importante de todos, que em geral escapa ao estudo do sociólogo: o fator pessoal. A vocação, no sentido biológico e individual do termo, mas também dizendo respeito às circunstâncias que cercam os indivíduos determinando a inclinação decidida e imperiosa para determinado caminho, vem agir sobre a escolha dos rumos, de tal maneira que em geral escapa à própria consciência do interessado (BASTIDE, 1946, 8 e 22 de fevereiro). É dentro desse ângulo que se deve procurar compreender como e por que um protestante convicto, oriundo da região das Cévennes, na França, ainda hoje animada pelas vozes antigas e pelos transe de seus inúmeros profetas e crentes calvinistas, impiedosamente perseguidos pela maioria católica, se tenha tornado o grande estudioso e defensor das coletividades negras brasileiras⁴³. No entanto, se

⁴³ Essas cogitações não implicam que o coeficiente pessoal não deva ser considerado ao se analisar o trabalho dos cientistas; há posições que decorrem nitidamente de experiências pessoais de vida. O caso de Roger Bastide parece exemplar. Sua formação filosófica e sociológica o levava sem dúvida para certas maneiras de encarar o real. Mas já a escolha da sociologia religiosa e dos problemas do misticismo, que encara em seus dois primeiros livros, estaria muito provavelmente influenciada pelo fato de ser um protestante originário das Cévennes, região da França que se tornou célebre pela proliferação de profetas calvinistas e pelo vigor na luta de uma pequena minoria protestante em defesa de sua fé desde meados do séc. XVI. A experiência francesa de um descendente desses protestantes místicos, minoria desprezada e perseguida, compunha um terreno de eleição para que Bastide sentisse em profundidade o problema dos negros brasileiros e dos candomblés.

emocionalmente a escolha por Roger Bastide se torna compreensível, somente seu amplo saber, escudado em crítica arguta e desinteressada dos outros e de si mesmo, lhe permitiu a iluminação em profundidade de tudo quanto estudava. E nesse amplo saber se contava também a experiência vivida, analisada e criticada relativamente ao seu objeto de estudo. Não seria essa a melhor definição de empatia?

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, José. *Sonhos d'ouro*. Rio de Janeiro: Garnier, s.d. 2 vol.
_____. *O tronco do ipê*. Rio de Janeiro: Ed. de Outro, s.d.b.
- BASTIDE, R. *Brasil, terra de contrastes*. São Paulo: Difel, 1959.
_____. *Brésil, terre des contrastes*. Paris: Hachette, 1957.
_____. Contribution à l'étude de la participation. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Paris, n. 14, 1953.
_____. *A poesia afro-brasileira*. São Paulo: Martins, 1943.
_____. Le principe de coupure et le comportement afro-brésilien. Congresso Internacional dos Americanistas, 31, São Paulo, 1955. *Anais...*
_____. A propósito da poesia como método sociológico. Primeira conversa com o crítico. A propósito da poesia como método sociológico. Segunda conversa com o crítico. *Diário de S.Paulo*, 8 e 22 de fevereiro de 1946.
_____. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971. 2 vol.
_____. *Les religions africaines au Brésil*. Paris: Presses Universitaires de France, 1960.
- BONFIM, M. *América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: A Noite, s.d.
- LAMBERT, J. *Os dois Brasís*. Rio de Janeiro: MEC/INEP, 1959.
- MONBEIG, P. Alguns aspectos do crescimento da cidade de São Paulo. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 16, mar. 1954.
_____. Changements dans l'Amazonie brésilienne. In: ---. *Études géographiques offertes à Louis Papy*. Bordeaux: s.ed., 1978.
_____. Colonisation, peuplement et plantations de cacao dans l'État de Bahia. *Annales de Géographie*, Paris, n. 46, 1937.
_____. La croissance de la ville de São Paulo. *Revue de Géographie Alpine*, França, 1953.
_____. Écologie amazonienne. *Annales de Géographie*, Paris, n. 43, 1959.
_____. Notes sur la géographie humaine du Nord-Est brésilien. *Bulletin de l'Association des Géographes Français*. Paris, n. 185/186, 1947.
_____. *Pioneiros e fazendeiros no Estado de São Paulo*. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.
_____. *Pionniers et planteurs de l'État de São Paulo*. Paris: Armand Colin, 1952.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PÉBAYLE, R. *Les brésiliens: pionniers et bâtisseurs*. Paris: Flammarion, 1989.

PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. Desenvolvimento das ciências sociais na América Latina e contribuição européia: o caso brasileiro. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.41, n. 4, abr. 1989.

_____. Pierre Monbeig e a pesquisa geográfica no Brasil: atualidade de sua contribuição. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 40, n. 12, dez. 1988.

_____. *Roger Bastide*. São Paulo: Ática, 1983. Coletânea.

_____. Rumos do pensamento etnológico na França: a atualidade de Maurice Leenhardt. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, mar. 1987.

PRADO JR. C. *Evolução política do Brasil e outros estudos*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1953.

SIMÃO, A.; ARAÚJO FILHO, J.R.; FRANÇA, E.O. *Relatório sobre os professores franceses, 1934-1987*. MS, 1987.

VARAGNAC, A. *Civilisation traditionnelle et genres de vie*. Paris: Albin Michel, 1948.

WILLEMS, E. *A aculturação dos alemães no Brasil*. S.l., s.ed., 1946.

_____. *Assimilação e populações marginais do Brasil*. S.l., s.ed., 1940.